

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE UMA OFICINA ADAPTADA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL CECÍLIA MEIRELES COM OS PIBIDIANOS

DÉBORA XAVIER DA SILVA¹; GUILHERME DA SILVA MONTENEGRO²; NATHALY ALVES PICANÇO³; MÉLANY SILVA DOS SANTOS⁴; RITA DE CÁSSIA DE SOUZA SOARES RAMOS⁵.

DENISE NASCIMENTO SILVEIRA⁶:

¹ Universidade Federal de Pelotas – deboraxavier380@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – guilhermemtng@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – nathalypicanco46@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio Grande – melany_feliz@yahoo.com.br

⁵ Universidade Federal de Pelotas – rita.ramos@ufpel.edu.br

⁶ Universidade Federal de Pelotas – silveiradenise13@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, trazemos o relato de uma experiência por meio de uma descrição contextualizada de uma vivência acadêmica de uma oficina de Matemática, desenvolvida por nós que somos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e, registramos que o Programa tem por finalidade fomentar a Iniciação à Docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira. Assim, o PIBID tem por finalidade proporcionar a inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica para os discentes dos cursos de licenciatura, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior.

A partir desse Programa, os estudantes dos cursos de licenciatura, orientados por professores da UFPel, são acolhidos por professores das Escolas Campo supervisores do PIBID e são orientados pedagogicamente a partir da articulação entre essas instituições, contribuindo com o desenvolvimento de projetos e práticas educativas.

Com essa perspectiva, apresentamos a atividade aplicada aos alunos do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles que teve como objetivo principal aprimorar os conhecimentos sobre as quatro operações com números decimais. Mais do que isso, buscamos criar um espaço onde os estudantes se sentissem motivados, confiantes e parte ativa do processo de aprendizagem.

Pensando na diversidade da turma, elaboramos também uma adaptação voltada para estudantes com deficiência ou dificuldades de aprendizagem. A ideia era simples, mas significativa para arredondar os valores para números inteiros, facilitando os cálculos e garantindo que todos conseguissem participar. A intenção era que ninguém ficasse de fora ou desanimado por conta das dificuldades que pudesse encontrar.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A proposta foi organizada de um jeito que colocasse os alunos no centro da aprendizagem. Para isso, dividimos a turma em três grupos, e cada um ficou responsável por montar uma banquinha com produtos previamente distribuídos. Ficou para eles definir os preços usando números decimais e administrar suas vendas, simulando uma situação bem próxima da vida real. Na Figura 1, podemos visualizar os preços sendo colocados pelos alunos.

Figura 1: Tabela de preços.



Fonte: Produção dos

autores, 2025.

O mais interessante é que, enquanto praticavam as quatro operações com números decimais (adição, subtração, multiplicação e divisão), os estudantes também estavam desenvolvendo outras habilidades importantes: trabalhar em equipe, negociar, tomar decisões e pensar estratégias para conquistar os melhores resultados.

Durante a dinâmica, os grupos podiam comprar nas bancas dos colegas, mas não na própria, o que gerou um clima de interação muito positivo. Ao final, definimos que o vencedor seria o grupo que arrecada-se o maior valor com as vendas. Na Figura 2, podemos visualizar os objetos que os alunos estavam vendendo.

Figura 2: Produtos vendidos.



2025.

Fonte: Produção dos autores,

Sobre aquela adaptação que tínhamos preparado para facilitar os cálculos, no fim não precisou ser usada. Todos os estudantes conseguiram participar ativamente da oficina. Isso nos mostrou que, com o que reforça que práticas bem planejadas conseguem equilibrar desafio e acessibilidade (SANTOS, PACCINI, 2014) e com os estímulos certos, eles são capazes de ir muito além do que imaginamos.

Os alunos se envolveram de verdade, negociaram, calcularam e principalmente, aprenderam de forma significativa. Esse engajamento reforça o que Santos e Venturi (2023) apontam sobre as metodologias ativas: quando o estudante assume um papel protagonista, a aprendizagem ganha muito mais sentido.

Um ponto que chamou a atenção dos acadêmicos pibidianos foi como a simulação de compra e venda aproximou a Matemática do dia a dia dos estudantes. Essa contextualização deu mais sentido ao que estavam aprendendo, como destacam Marin et al. (2022), e ainda favoreceu o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como cooperação e negociação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina foi um sucesso. Mesmo com a preocupação inicial sobre possíveis dificuldades com números decimais, todos conseguiram acompanhar a atividade, alguns com apoio pontual. E mesmo os alunos com deficiência que tínhamos receio de que fosse necessário outras adaptações todos conseguiram realizar a atividade de forma satisfatória,

De forma geral, a oficina cumpriu seu propósito: reforçou conteúdos matemáticos, incentivou autonomia, promoveu a colaboração e mostrou que metodologias inovadoras e inclusivas têm muito a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MARIN, A. C. *et al.* Inovação no ensino: uma revisão sobre metodologias ativas na educação básica. *Avaliação: Revista da ANPAE*, Campinas, v. 27, p. 1-20, 2022.
- SANTOS, S. A. dos; VENTURI, T. Metodologias ativas na educação básica: concepções docentes. *RIS – Revista de Iniciação à Sociedade*, Chapecó, v. 9, n. 1, p. 78-92, 2023.
- SANTOS, W. M.; PACCINI, J. V. Inclusão escolar e práticas pedagógicas em educação básica. In: **SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**, 2., 2014, Vitória. Anais... Vitória: UFES, 2014.